

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA: A ARGUMENTAÇÃO EM FOCO

Janis Joplin Silva PEREIRA (Graduanda/UFS)
Isabel Cristina Michelan de AZEVEDO (Doutora/UFS)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo investigar práticas pedagógicas com o intuito de observar duas formas de trabalhar a argumentação em sala de aula: como processo ou como meio para a aprendizagem de conteúdos de outras disciplinas. Para isso, optamos por trabalhar com uma metodologia documental com base em uma dissertação, realizada em Sergipe, e com um artigo decorrente de uma experiência paulista. O primeiro documento discute os impactos de práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento das capacidades argumentativas dos estudantes; o segundo investiga de que forma, e em que medida a argumentação pode favorecer o ensino de uma língua estrangeira. As análises reunidas neste estudo apontam que os professores possuem variadas concepções de linguagem e argumentação que guiam as ações em classe e também que são diversas as correntes identificadas por meio do exame das propostas didáticas. Além disso, os estudos em curso na iniciação científica em Letras, na UFS, indicam a necessidade de diversificação das pesquisas para outros espaços pedagógicos a fim de que possamos selecionar alternativas favoráveis à ampliação das capacidades argumentativas de estudantes, bem como a aprendizagem de uma nova língua.

Palavras-chave: argumentação, práticas pedagógicas, língua materna, língua estrangeira

Introdução

A participação nos projetos de pesquisa intitulados “Desenvolvimento de competências/capacidades discursivo-argumentativas de estudantes do ensino fundamental e médio”, desenvolvido entre os anos 2016/2017, e “Formação de professores para o ensino da argumentação na educação básica”, desenvolvido em 2017/2018, incentivaram-nos a dar continuidade aos estudos no que se refere ao ensino da argumentação, e desta vez, além do material já analisado durante os projetos de iniciação científica, que tem foco nas práticas didático-pedagógicas voltadas ao ensino da argumentação na língua materna, estamos incluindo, neste trabalho, um material voltado ao ensino de língua estrangeira, que possui, como ferramenta principal, a aplicação de atividades de cunho argumentativo em sala de aula.

Assim, nosso objetivo principal consiste em verificar se as atividades identificadas podem ser aplicadas tanto no ensino de língua estrangeira quanto no ensino de língua materna, e de que forma tais atividades contribuem no que se refere à apropriação das características de uma língua-alvo pelo estudante, bem como na aprendizagem da argumentação. A partir desse

objetivo principal, estabelecemos uma análise comparativa entre as concepções de linguagem e as práticas pedagógicas que permeiam o trabalho dos professores que optaram pela argumentação como eixo orientador das atividades propostas aos estudantes. Para tanto, esclarecemos as concepções de argumentação, de linguagem e de práticas pedagógicas, para, em seguida, identificarmos quais concepções se destacam e sustentam as práticas pedagógicas voltadas ao trabalho com a argumentação na educação básica e no ensino superior.

Revisão da Literatura

O que é argumentação?

Segundo Grácio (2015), a argumentação ocorre em uma situação comunicativa específica, a qual se caracteriza pela oposição entre discursos em uma situação de interação entre pelo menos dois argumentadores e pela alternância de turnos de palavra polarizados em um assunto em questão, o que torna possível a progressão das ideias e a interdependência discursiva, em que de algum modo o discurso de um é retomado e incorporado no discurso do outro. Assim, para este autor, a argumentação não pode ser reduzida à argumentatividade.

A argumentação também tem sido estudada por Leitão (2007), que a considera um recurso privilegiado de constituição do conhecimento e do desenvolvimento do pensamento reflexivo. Possui uma natureza discursiva e social que se concretiza pela defesa de pontos de vista, consideração de objeções e perspectivas alternativas, com a finalidade de aumentar ou reduzir a aceitabilidade dos pontos de vista em questão. A defesa de pontos de vista e a consideração de ideias alternativas, quando tomadas em conjunto, criam, no discurso, um processo de negociação, a partir do argumento, contra-argumento e resposta, possibilitando o manejo de divergências entre concepções a respeito de fenômenos do mundo.

Diante desse quadro, consideramos ser necessário investigar as concepções de linguagem em circulação no meio educacional, para que possamos identificar qual delas foi mobilizada em cada trabalho.

Concepção de linguagem

Para identificar, em nossa análise, as bases teóricas dos professores selecionados nesse estudo, comparamos as práticas dos docentes com as concepções de Saussure, a de Bakhtin e a de Benveniste, por serem importantes referências da Linguística.

Saussure considera a linguagem em sua dimensão social e a língua como um sistema bem organizado, que contempla um sistema de signos formados pela união do sentido (conceito, ideia, significado) à sua imagem acústica (impressão psíquica, significante). Ressalta ainda que são quatro os elementos constitutivos do signo linguístico (ser arbitrário, linear, articulado e ter relativa mutabilidade), que são interdependentes. Para esse autor, então, o estudo da linguagem comporta duas partes: a língua (*langue*) e a fala (*parole*).

Essa teoria do signo linguístico instigou o trabalho de Benveniste que, ao romper com as concepções racionalistas da língua, incluiu as relações entre os falantes ao contexto comunicativo, uma vez que seu ponto de partida foi considerar o papel da subjetividade na linguagem. Para este autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 286), por isso é importante considerar que, para que haja a significação, a linguagem deve estar inserida em um ato específico: a comunicação entre os homens dentro de uma comunidade. Assim, Benveniste propõe entender que a língua deve ser compreendida quando é posta em ação, o que permite tomá-la como instrumento de comunicação e como meio para o homem se constituir sujeito no discurso.

Ao tentar articular as relações entre o particular e o universal, Bakhtin e os integrantes do Círculo, ponderam que a alteridade, entendida em sua dimensão cultural, é um elemento constitutivo da linguagem, mesmo quando se considera a organização do pensamento abstrato. Essa visão permite entender de maneira integrada, por um lado, a perspectiva da unidade da língua, da unificação e estratificação linguística, e do plurilinguismo (ou heterodiscurso), que trabalham no sentido da descentralização. Isso porque se entende cada enunciação concreta do sujeito do discurso como um ponto de aplicação de forças centrípetas e centrífugas¹. “E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso vivo determina a

¹ As *forças centrípetas* são provenientes do esforço em impor certa centralização verboaxiológica, enquanto as *forças centrífugas*, que corrompem as tendências centralizadoras, permitem a manifestação de distintos processos axiológicos, como se vê na paródia, a ironia, a polêmica explícita ou velada, entre outros (FARACO, 2009).

feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior a sua presença ao sistema normativo-centralizador da língua única” (BAKHTIN, 2015, p. 42).

Vemos que esses autores assumem que a língua é um fato social fundada na necessidade de comunicação e criticam a concepção de língua restrita a um sistema de regras, pois, para esse grupo de pensadores, a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não em um sistema linguístico abstrato. Isso é o que justifica a compreensão de que o uso da língua está sempre relacionado às esferas da atividade humana em suas variadas formas, e que sua substância se constitui por meio do fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações.

Antes de estabelecer relações entre essas ideias supracitadas e as práticas pedagógicas selecionadas pelos professores reunidos para colaborar com as discussões aqui propostas, resolvemos demarcar as perspectivas que podem ser abordadas a partir das práticas docentes. Devido aos limites deste trabalho, optamos por restringir a duas correntes de pensamento.

Prática do professor

Todo professor, consciente ou inconscientemente, adota uma postura com base em crenças, concepções etc., ao propor certas práticas pedagógicas, por isso, ao defender determinada corrente, cada profissional revela também um pouco de sua personalidade e convicções políticas, assim como sua visão em relação à escola, aos estudantes e à sociedade.

No Brasil, as principais tendências pedagógicas dividem-se em duas tendências de pensamento: a de pensamento liberal, que orienta a Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada e Tecnicismo Educacional, e a de pensamento progressista, que possibilita a Pedagogia Libertadora e a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos (cf. LIBÂNEO, 2006 [1990]).

A primeira corrente, na perspectiva *liberal*, é a *Pedagogia Tradicional*, que tem o professor como o único detentor do conhecimento, pois ele é responsável por transmitir os conteúdos que devem ser decorados pelo aluno. Essa prática não incentiva o desenvolvimento da autonomia do estudante nem do pensamento crítico/reflexivo. A segunda é reconhecida como *Pedagogia Renovada* e possui inúmeras perspectivas de ação. Neste momento, destacamos a didática da Escola Nova, cujos princípios norteadores foram ressaltados por

pensadores brasileiros na década de 1930. Esta perspectiva tem como centro o estudante e propõe ao professor o papel de “guiá-los” no sentido de favorecer o pleno desenvolvimento de todos. A terceira é a *Tecnicista*, que se destacou no período da Ditadura Militar brasileira, e orientava formadores e professores à racionalização do ensino, por isso alguns manuais de ensino foram definidos para uso em todas as aulas, e, muitas vezes, os professores assumiam uma postura autoritária em relação aos alunos.

A segunda tendência é conhecida como *progressista*, na qual destacamos a *Pedagogia Libertadora*, que procurou trabalhar a linguagem em associação com temas sociais de cunho político e econômico, pautados em problemas cotidianos dos estudantes, para favorecer o envolvimento de todos, professores e estudantes, na resolução de problemas identificados em sociedade. A *Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos* é outra possibilidade que se destaca pela preocupação com a mediação entre o conhecimento e as práticas sociais dos estudantes. Ou seja, nessa corrente o conhecimento prévio do professor em relação à realidade social da escola e dos estudantes colabora com a definição do planejamento e, conseqüentemente, com a definição das atividades que são realizadas em aula.

Com base nas concepções de linguagem e de práticas pedagógicas descritas brevemente até este ponto, partimos para a análise das práticas pedagógicas propostas por dois professores que trabalham em diferentes segmentos de ensino, visando identificar qual ou quais correntes influenciam as práticas docentes.

Metodologia

Neste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica e exploratória para ser possível analisarmos e compararmos práticas didático-pedagógicas completas realizadas em diferentes lugares. A pesquisa bibliográfica foi organizada a partir de livros e artigos científicos e possibilitou discutir duas propostas realizadas em lugares distintos e distantes, além de não exigir um acompanhamento das ações *in loco* (cf. GIL, 2002). Assim, o *corpus* deste trabalho foi selecionado a partir de materiais coletados no *Google* e no *Google Acadêmico*.

Nosso interesse principal é investigar se o trabalho com a argumentação favorece também a aprendizagem de línguas (materna e estrangeira). Com esta finalidade, trabalhamos,

nesta discussão, em primeiro lugar, com a dissertação da professora e pesquisadora Nadja Souza Ribeiro, pelo fato de que foi um documento analisado por nós nas duas pesquisas de iniciação científica: em 2016, tendo como foco a análise no âmbito do desenvolvimento das capacidades argumentativas dos estudantes e, em 2017, procuramos identificar as concepções de argumentação que permeavam a prática da professora em questão; para, depois, contrapor a esta prática, a proposta didático-pedagógica da pesquisadora Patrícia Falasca.

A dissertação de Ribeiro foi encontrada no *Google Acadêmico* com as seguintes palavras-chave: “argumentação”, “letramento” e “debate”, em agosto de 2016, quando foi dado início à pesquisa do projeto de iniciação científica, e, o trabalho da pesquisadora Patrícia Falasca foi encontrado no *Google*, a partir das palavras-chave: “argumentação”, “práticas” e “língua estrangeira”, em março de 2018.

No quadro abaixo, seguem algumas informações relativas a cada um dos trabalhos, e, em seguida, é apresentada uma breve descrição das atividades realizadas.

Quadro 1 – Propostas pedagógicas voltadas ao ensino da argumentação

Nadja Souza Ribeiro Universidade Federal de Sergipe 2015	Com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de capacidades argumentativas em sala de aula, optou-se por partir do debate regado. A professora elaborou uma sequência didática, visando promover um estudo sistemático desse gênero oral, e, simultaneamente, a leitura de textos literários. Assim, foi constituído um processo de ensino-aprendizagem que teve como ponto de partida a identificação de temáticas de relevância social para posterior constituição de argumentos, além de proporcionar a aproximação necessária à promoção do letramento literário dos estudantes. A pesquisa inserida no Mestrado Profissional em Letras foi realizada na unidade de ensino CCCDMA, localizada no município de Entre Rios/BA, e envolveu estudantes de uma turma do 9º ano do ensino fundamental, com 38 estudantes de 13 e 15 anos.
Patrícia Falasca Universidade Estadual Paulista 2015	Com o objetivo de compreender o papel da argumentação nos processos de aprendizagem de uma língua estrangeira, este trabalho discute os impactos proporcionados por atividades, de cunho argumentativo, utilizadas como meio para a aprendizagem de uma língua-alvo em nível superior. Ao propor observar e discutir

	informações advindas das experiências de um grupo de aprendizes de alemão como língua estrangeira, do curso regular de Letras (Português-Alemão), a professora possibilitou o envolvimento de todos. Os participantes encontravam-se entre o segundo e terceiro ano do curso, por isso já tinham condições de se expressar em língua alemã, ainda que não muito fluentemente. No início do projeto, o curso contava com seis alunos, que foram divididos em dois grupos.
--	--

Fonte: Ribeiro (2015) e Falasca (2015)

Faremos menção à **turma A** sempre que nos referirmos às práticas realizadas na turma do 9º ano do ensino fundamental (EF), que foram organizadas pela professora-pesquisadora Ribeiro (2015), em uma sequência didática (SD), com o intuito de priorizar o estudo de um gênero oral pautado na argumentação: o debate. A turma foi orientada a produzir debates em dois momentos. Na produção inicial, os estudantes foram divididos em dois grupos para discutir, selecionar e apresentar os argumentos reunidos para defender um posicionamento, a favor ou contra, em relação à questão: “A fé em Deus e os princípios religiosos podem tornar uma pessoa melhor?”. Na produção final da SD, a turma foi organizada em cinco grupos, e cada um ficou responsável por organizar um debate (com dois blocos opostos, constituídos por três estudantes cada) em torno de questões formuladas a partir de temáticas decorrentes da leitura do texto literário *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos.

A **turma B** está vinculada aos relatos da pesquisadora da segunda prática. Os temas propostos não continham em si grandes dificuldades de interpretação, pois o intuito não era aprofundar os temas polêmicos, mas fazer com que eles expressassem e negociassem seus pontos de vista sobre temáticas próximas da realidade vivida por eles. Assim, foram propostos temas, como: visão de relacionamentos entre “homens x mulheres”, “família”, “escola”, os quais proporcionavam gerar pontos de vista opostos, ou ao menos diferentes, para que, a partir das discussões, os universitários fossem capazes de se engajar em uma argumentação.

O recorte apresentado pela pesquisadora diz respeito ao terceiro encontro de um dos grupos. O tema em questão era “homens x mulheres”, isso porque anteriormente os estudantes haviam ouvido, lido e trabalhado com o vocabulário da canção “*Der kleine Unterschied*”, de Annett Louisan, e estavam discutindo a validade dos clichês que apareciam ao longo da

música – todos relacionados ao tema proposto. A questão que eles colocaram, a partir da música, foi: as mulheres querem sempre “prender” os homens – ideia reconhecida como clichê pelos alunos –, ou, na verdade, os homens sempre querem “prender” as mulheres?

Resultados Preliminares

Ao trabalhar o desenvolvimento da argumentação por meio do debate, a professora-pesquisadora Nadja Souza Ribeiro teve a intenção de ampliar as capacidades argumentativas dos estudantes por meio da inserção deles em uma situação argumentativa na qual existe a oposição entre discursos em uma situação de interação e de alternância de turnos de palavra (GRÁCIO, 2015). Assim, os estudantes articularam recursos que constituem um processo argumentativo. Por sua vez, a pesquisadora Patrícia Falasca, ao investigar a argumentação por meio da aprendizagem de uma língua estrangeira, submeteu a argumentação à apropriação de outros conteúdos, embora os estudantes também tenham tido a oportunidade de participar de processos interacionais, face a face, em torno de temas polêmicos.

Com o objetivo de identificar as concepções assumidas nas práticas, vamos analisar alguns recortes dos textos da professora-pesquisadora Nadja Ribeiro e da pesquisadora Patrícia Falasca, para observarmos as concepções subjacentes às atividades e entender como elas contribuem para as aprendizagens dos estudantes, tanto no que se refere ao desenvolvimento da capacidade argumentativa quanto na aprendizagem de uma língua-alvo.

Identificação das concepções de argumentação – referente à Turma A

Concepção de argumentação

O trabalho com o gênero debate (regrado), por viabilizar prioritariamente o estudo da argumentação oral o qual pode desenvolver no estudante a capacidade de argumentar, defender e ou discordar com firmeza, coerência e clareza, o que lhe for questionado, utilizando com segurança os recursos comunicativos necessários para interagir adequadamente nos contextos sociais. O caráter dialético da argumentação oral implica um confronto de pontos de vistas entre proponentes e oponentes, um domínio discursivo na oralidade de ambos (RIBEIRO, 2015, p. 21-22).

Como a professora-pesquisadora Nadja Souza Ribeiro apoia a visão de argumentação nas reflexões de Leitão (2011), assume que essa é uma atividade interacional, social e discursiva, que se caracteriza pela defesa de pontos de vista. Assim, ao participar de situações argumentativas, o estudante tem a oportunidade de desenvolver diferentes capacidades (“defender e ou discordar com firmeza, coerência e clareza”) e ainda de aprender a se posicionar frente ao outro, por meio da adesão às ideias apresentadas ou a contraposição delas em relação a uma questão em discussão. Nesse processo,

O caráter discursivo da argumentação é evidenciado por duas ações primordiais: a sustentação e a negociação. (RIBEIRO, 2015, p. 15).

Na concepção de Leitão (2011 apud RIBEIRO, 2015), a sustentação é o processo que evidencia a seleção de argumentos e de recursos linguísticos pertinentes à situação e ao tema discutido. A negociação, por outro lado, é o processo em que os participantes, proponentes ou oponentes, revisam suas próprias concepções acerca das ideias e posições colocadas na situação argumentativa, o que permite emergir um processo de autorregulação do pensamento e novas aprendizagens. Ribeiro registra que o trabalho com o debate regrado estimula as trocas entre os participantes, o que favorece a aprendizagem dessas duas ações.

Para organizar os argumentos que sustentam o discurso a fim de persuadir o interlocutor, o orador explora e descobre as provas nos lugares retóricos, lugar da quantidade e lugar da qualidade, termos originados da retórica aristotélica e reorganizados na Nova Retórica: a qualidade relacionada ao que é único e original e a quantidade ao que quantificável, mensurável (RIBEIRO, 2015, p. 17).

Com bases nessas sínteses, percebemos que os estudos da argumentação têm sua origem na retórica aristotélica. O exórdio, momento de contato com o auditório; a narração, momento da exposição dos fatos, dos argumentos; a confirmação, momento da defesa dos pontos de vista e da refutação dos posicionamentos dos oponentes; e a peroração, momento final do discurso, descritas na Retórica, são fases que continuam sendo relevantes em diferentes gêneros marcados pela argumentação (FERREIRA, 2010 apud RIBEIRO, 2015), por isso a Nova Retórica conseguiu atualizar esses elementos. Em uma perspectiva

argumentativa e discursiva, por exemplo, um trabalho específico (a busca por “lugares retóricos”), como a organização de situações comunicativas, permite associar as variadas circunstâncias sociais ao uso da linguagem.

Concepção de linguagem

O debate, por ser um texto que materializa a face oral da linguagem, desenvolve no estudante capacidades específicas muito importantes, possibilitando momentos de interação no contexto em que vive, dos quais participarão de maneira mais crítica (RIBEIRO, 2015, p. 23).

Acima, a professora-pesquisadora Nadja Souza Ribeiro declara adotar uma concepção de linguagem veiculada à concepção bakhtiniana, daí entender que a linguagem se constitui por meio do fenômeno social da interação verbal, realizada por meio de enunciações. Também está convicta de que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, por isso não deve estar limitada aos usos de um sistema linguístico abstrato, como pode ser visto a seguir: “Não há como desvincular os gêneros textuais do estudo da argumentação, pois nós somos seres de linguagem e é na e pela linguagem que estes se materializam” (RIBEIRO, 2015, p. 27).

Segundo a professora-pesquisadora, o trabalho realizado com os estudantes do 9º ano recebe a influência da concepção de Benveniste, uma vez que a linguagem está vinculada a um ato específico: a comunicação entre os homens pertencentes a uma comunidade.

Concepção de prática pedagógica

A relação entre o pensamento e a argumentação nas interações sociais é evidenciada, porque durante o ato de pensar posicionamentos, mesmo que implícitos, são articuladas estratégias argumentativas, como as categorizações exemplificações, comparações, justificações e juízos de valor, no intuito de resolver um conflito de ideias. Além disso, a interação professor-aluno e aluno-aluno no contexto escolar podem evidenciar essa relação, visto que no contexto escolar são praticadas capacidades argumentativas que podem ser sistematicamente canalizadas para a aquisição do conhecimento por meio das atividades de ensino (RIBEIRO, 2015, p. 16).

No trecho acima, a professora-pesquisadora assume a preocupação com as práticas interacionais, tanto entre os estudantes quanto entre o professor e a turma, vinculando-se às bases da Pedagogia Renovada. Segundo Ribeiro (2015), a aprendizagem dos estudantes pode ser ampliada em função das argumentações realizadas em classe, que proporcionaram ao estudante ocupar o lugar de centro das práticas pedagógicas e ao professor a assunção do papel de mediador dos processos de ensino-aprendizagem, como vemos abaixo.

O discurso do professor é o instrumento mediador relevante para que os objetivos específicos das atividades voltadas à argumentação em sala de aula sejam atingidos. Para tanto, é preciso que ele tenha consciência do nível de desenvolvimento potencial de cada estudante, da capacidade deles em desempenhar atividades de pesquisa, de organização de informações e de seleção e apresentação dos argumentos, por exemplo (RIBEIRO, 2015, p. 16).

Ribeiro reafirma a necessidade de ter consciência do nível de desenvolvimento potencial de cada estudante, quando se quer favorecer as aprendizagens discentes. Tal postura associa-se à Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos, pois exige o conhecimento prévio do professor em relação à realidade social da escola e dos estudantes, o que serve de base para a elaboração das aulas. Também observamos que a atividade pela professora-pesquisadora recebe influência da Pedagogia Libertadora que pretende tornar os estudantes capazes de participar ativamente das relações sociais, especialmente em situações polêmicas, além de possibilitar a ampliação do letramento discente.

Identificação das concepções de argumentação – referente à Turma B

Concepção de argumentação

Há a necessidade de o indivíduo estar disposto a considerar pontos de vistas contrários aos seus (contra-argumentos) – uma vez que a pertinência da argumentação está justamente em situações nas quais há pontos de vista divergentes sobre certo tema (LEITÃO, 2011 apud FALASCA, 2015, p. 28-29).

No trecho acima, a pesquisadora Falasca deixa claro que a concepção de argumentação que sustenta sua prática está pautada na concepção de Leitão. Para Leitão

(2011, p. 14-15), o engajamento em argumentação possibilita aos indivíduos o desenvolvimento de processos cognitivo-discursivos considerados como essenciais à construção do conhecimento e ao exercício da reflexão, bem como é levado a formular claramente seus pontos de vista e fundamentá-los mediante a apresentação de razões que sejam aceitáveis a interlocutores críticos. Em situações em que há pontos de vistas opostos em torno de um tema polêmico em questão, espera-se, de quem argumenta, disposição e capacidade de contra-argumentar, ou seja, considerar e responder a dúvidas, objeções e pontos de vista contrários às suas posições.

Ao tratar da argumentação na sala de aula, partimos de um entendimento de argumentação que passa pelas noções estabelecidas no *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica* (2000), de Perelman e Olbrechts-Tyteca, especialmente em relação à consideração do auditório e de adesão do público, na visão dos autores (FALASCA, 2015, p. 27).

Falasca, em sua prática, recebe influências da Nova Retórica, em *Tratado da Argumentação*, Perelman e Tyteca (1996, p. 22) afirmam que o auditório é uma construção mais ou menos sistematizada, que pode ser presumido por quem argumenta, e, tentando determinar-lhe as origens psicológicas ou sociológicas, adaptando sua experiência ao auditório que se deseja persuadir, torna-se possível atingir efetivamente indivíduos concretos.

É também importante estabelecer a relação da noção de argumentação por nós adotada com aquela desenvolvida pela pragma-dialética, proposta por van Eemeren e Grootendorst (1996). Em tal modelo de argumentação, busca-se, até certo ponto, conciliar a prática à teoria trazida pela Nova Retórica (FALASCA, 2015, p. 27-28).

A pragma-dialética possui, como principais teóricos, Frans H. van Eemeren e Rob Grootendorst da Universidade de Amsterdã, e tendo como objetivo analisar e julgar uma argumentação entre interlocutores com diferentes pontos de vista concebe a argumentação como uma atividade verbal, social e racional. A pragma-dialética, dando ênfase ao campo prático onde ocorre o ato linguístico, busca integrar o estudo de quatro campos de trabalho e fornece uma teoria normativa que busca dizer como deve ser uma argumentação.

Concepção de linguagem

É também *na e pela* linguagem que os indivíduos se tornam sujeitos no mundo, ao adentrar os discursos da sociedade na qual se encontram (FALASCA, 2015, p. 25).

Considerando que a interação verbal se dá de maneira concreta, entre indivíduos reais e historicamente situados, estabelecendo uma relação eu-outro, constituída na e pela linguagem, que é ideológica por natureza, somos levados a pensar que também o enunciado estabelece interações entre si (FALASCA, 2015, p. 26).

Nos trechos acima selecionados, fica evidente, no trabalho da pesquisadora Patrícia Falasca, a influência de Benveniste, pois, para esse autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 286) e a linguagem deve ser compreendida quando é posta em ação, para que, inserida em um ato específico, haja significação. É evidente também a influência bakhtiniana, que, assim como em Benveniste, critica a concepção de língua limitada a um sistema de regras e defende a língua como um fenômeno social constituído por meio das enunciações na interação verbal concreta.

Concepção de práticas pedagógicas

Na argumentação inserida nas aulas de línguas estrangeiras, muito mais importantes são a troca e a negociação por ela trazidas, que levam inevitavelmente ao diálogo entre os alunos (FALASCA, 2015, p. 28).

A partir do trecho selecionado, nota-se que o trabalho realizado pela pesquisadora é permeado por algumas correntes pedagógicas. Ao propor atividades de cunho argumentativo, tendo como centro os estudantes em seu processo de desenvolvimento cognitivo e social, e o professor assumindo o papel de guiá-los, nota-se a presença da *Pedagogia Renovada*.

Foram propostos os temas “homens x mulheres”, “família”, “escola”, os quais trazem a possibilidade de gerar pontos de vista opostos (FALASCA, 2015, p. 33).

Percebemos também a influência da *Pedagogia Libertadora* ao serem trabalhados com o grupo de universitários, durante os debates, temas pautados em problemas cotidianos, com o intuito de favorecer a participação de todos.

Considerações Finais

A observação de diferentes realidades nos permitiu perceber que o trabalho com a argumentação é possível tanto na educação básica quanto no ensino superior, e, quando os professores adotam as concepções adequadas, as atividades de cunho argumentativo podem colaborar com a inserção dos estudantes numa língua estrangeira fazendo senti-los sujeitos numa nova língua, além de promover o desenvolvimento das capacidades crítico-reflexivas em torno de temas polêmicos. Para isso, é necessário que a formação docente auxilie a organizar esse tipo de trabalho, no planejamento e na elaboração das práticas.

Considerando a importância de desenvolver as capacidades argumentativas dos estudantes para a participação em sociedade, por meio das práticas descritas percebemos o valor das interações que promovem a construção de pontos de vista na elaboração dos discursos. Tais práticas auxiliam no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras além de possibilitar ao estudante agir na sociedade, e contribuem de maneira significativa com o desenvolvimento de capacidades específicas (de ordem social e cognitiva).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I – A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GRÁCIO, Rui Alexandre. *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

LEITÃO, Selma. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: DAMIANOVIC, Maria Cristina; LEITÃO, Selma.(Orgs.). *Argumentação na escola: o conhecimento em construção*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006 [1990].

MARQUES, Welisson. Concepções de língua e linguagem em Chomsky, Benveniste e Labov. *Revista Intertexto*, Uberaba, v. 4, n. 1, p. 34-51, jan.-jul. 2011. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/194>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

OLIVEIRA, Diego Greinert de. A mediação pedagógica como prática docente: uma análise da Pedagogia Histórico-crítica e demais correntes pedagógicas. *Revista Eletrônica Ensino de Sociologia em Debate*, Londrina, v. 1, p. 1-20, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/DIEGO%20%20para%20publicar%20revista%20lenpes.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

PERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie Olbrechts-Tyteca. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Fontes

FALASCA, Patrícia. Aprendizagem de língua estrangeira e argumentação em sala de aula: a perspectiva dialógica e discursiva em foco. *Revista Leitura*. Alagoas, v. 1, n. 55, p. 23-40, jan.-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2306>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

RIBEIRO, Nadja Souza. *Literatura em debate: possibilidades para o desenvolvimento da capacidade argumentativa oral no 9º. ano*. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.